

Recebido em 30/09/2019 e aprovado em 13/12/2019

A UTILIZAÇÃO DA HIPERMÍDIA QR CODE COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR DO LIVRO "OFICINA DE HISTÓRIA"

USING QR CODE HYPERMIDIA AS A RESOURCE INTERDISCIPLINARY WORK IN THE BOOK "OFICINA DE HISTÓRIA"

Ana Maria Pereira Lima¹
Isaíde Bandeira da Silva²
Amanda Gonçalves Alboíno³

Resumo: Este artigo busca investigar as possibilidades encontradas nos recursos didáticos de QR Code apresentados no livro "Oficina de História 1" e como eles podem ser utilizados em sala de aula de forma interdisciplinar. O livro pesquisado faz parte do material didático dos estudantes do Ensino Médio da EEMTI Governador César Carls de Oliveira Filho do Município de Quixadá-CE. Para a análise utilizaremos conceitos de Memória, Documento e Monumento de Jaques Le Goff (1990), situando os usos do Livro Didático e o ensino de História no Brasil, segundo Décio Gatti Júnior (2004), e os aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil (PELLANDA, 2009). A partir desses conceitos, foi possível abordar de forma crítica a utilização dos recursos pedagógicos interdisciplinares sugeridos pelo livro didático "Oficina de História 1" (LORIERI, 2010). Concluímos que as ferramentas de QR Code apresentadas pelo livro beneficiam a aprendizagem global do estudante.

Palavras-chave: Livro Didático. Tecnologia. QR Code. Aprendizagem.

¹ Doutora em Linguística pela UFC, Pós-doutorado em Letras pela UERN e professora da Universidade Estadual do Ceará.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora da Universidade Estadual do Ceará.

³ Mestranda em curso interdisciplinar de História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará.

Abstract: This article seeks to investigate the possibilities found in the QR Code resources presented in the book "Oficina de História 1" and how they can be used in the classroom in an interdisciplinary way. The researched book is part of the didactic material of the high school students of EEMTI Governador César Carls de Oliveira Filho of the municipality of Quixadá (CE). For the analysis, we use concepts of Memory, Document and Monument of Jaques Le Goff (1990), situating the uses of the Didactic Book and the teaching of History in Brazil, according to Décio Gatti Júnior (2004), and the sociocultural aspects of mobile communication technologies in Brazil (PELLANDA, 2009). From these concepts, it was possible to critically approach the use of interdisciplinary pedagogical resources suggested by the textbook "Oficina de História 1" (LORIERI, 2010). We conclude that the QR Code tools presented by the book benefit the student's global learning.

Keywords: Didactic Book. Technologies. QR Code. Learning.

Introdução

O Plano Nacional do Livro Didático no Brasil (PNLD), criado em 1985 pelo governo federal brasileiro, estabeleceu um fluxo regular de recursos para aquisição e distribuição de livros didáticos para escolas públicas de todo país. O plano é gerenciado pelo Fundo de Desenvolvimento da Educação (FNDE), de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC). O livro, muitas vezes, é a única ferramenta do professor e, por essa razão, deve ser trabalhado em suas múltiplas possibilidades ou mesmo complementado com recursos à disposição. A potencialidade do livro didático em sala de aula pode conectar os estudantes com suas vivências individuais e de mundo, no intuito de engajá-los no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos.

Para esse artigo, centrar-lo-emos no livro "Oficina de História 1", dos autores Flávio de Campos, Júlio Pimentel Pinto e Regina Claro. A obra possui o selo do PNLD de 2018, 2019 e 2020, o que atesta a adesão da obra por professores para a utilização de alunos do primeiro ano do Ensino Médio. O livro se organiza em capítulos com diversas propostas de atividades, incluindo situações de aprofundamento do conteúdo principal da unidade. Entre essas atividades, encontramos o quadro "Tá na rede", espaço no qual

o leitor é convidado a utilizar recursos tecnológicos para acessar conteúdos complementares disponíveis na internet.

A partir da relevância do livro e da incitação ao trabalho com recursos tecnológicos, a presença do código *Quick Response Code*, popularmente conhecido por *QR Code*, chamou-nos a atenção por considerar a grande disseminação de *smartphones* no Brasil na última década, aventando a possibilidade do acesso à internet, uma realidade vivenciada pelos estudantes também da escola pública, caracterizando-se como uma proposta inovadora, uma vez que incentiva a utilização de celulares na sala de aula, na contramão de práticas 'tradicionais'.

Tendo em vista pesquisar a utilização de ferramentas tecnológicas como recurso pedagógico, este trabalho pretende situar o entrelaçamento do *QR Code* com o percurso histórico do livro didático, acenando para a interdisciplinaridade, uma vez que as tecnologias digitais na sala de aula demandam ações de cruzamento de saberes diversos entre si, mas complementares na construção do saber. A observância da presença desse recurso atualiza ferramentas disponíveis para o cotidiano docente e discente, ampliando os letramentos tecnológicos e midiáticos, contribuindo para uma formação mais integralizadora.

Livro didático e hipermídia

Neste tópico, exploraremos quais os aspectos em comum das ferramentas do *QR Code* e do livro didático como aparatos para o aprendizado. Entendemos que ambos são artefatos que auxiliam o desenvolvimento e o estudo dos conteúdos tanto em momentos de estudo coletivo, tais como a sala de aula, quanto no estudo individual do discente, salientando não ser unicamente o livro nem o *smartphone* capazes de suprir todas as lacunas do conhecimento.

Código QR

Criado em 1994, o QR Code inicialmente foi um código inventado por uma empresa automobilística japonesa, a Denso Wave, para que equipamentos de leitura pudessem reconhecer rapidamente os componentes automotivos fabricados pela empresa. O QR Code tinha a missão de ser reconhecido mais rapidamente do que o código de barras. Outra diferença fundamental entre ambos, é que o QR Code "permite armazenar diferentes tipos de dados, incluindo caracteres alfabéticos, numéricos, símbolos, binários, Kanji e Kana (alfabeto japonês). Enquanto o tradicional código de barras pode ter no máximo 20 dígitos, um QR Code pode armazenar até 7.089 caracteres". (RIBAS; OLIVEIRA; GUBAUA; REIS; CONTRERAS, 2017, p.14).

Após a liberação do código da Denso Wave para o uso do público, o QR Code foi largamente utilizado, especialmente quando *smartphones* começaram a ser popularizados em diversos países, inclusive no Brasil:

O estudo "Google Consumer Barometer", divulgado no início de 2017, mostra números de fato impressionantes. Em 2012, apenas 14% da população possuía *smartphones*. Em 2016, esse percentual atingiu 62%, o que indica um crescimento de quase 450% em cinco anos. Já a FGV (Fundação Getúlio Vargas) calcula que o Brasil atingiu a taxa de um (01) *smartphone* por habitante em 2017. Esse número não indica que 100% da população possui um aparelho do tipo, visto que em alguns casos uma mesma pessoa pode ter mais de um aparelho celular ou mais de um chip habilitado, mas ainda assim é um dado que chama a atenção. (PATAH, 2018.)

Hoje, com o avanço da massificação de dispositivos que utilizam internet móvel, o QR Code tem se mostrado uma ferramenta de interação do mundo *offline* com o mundo *online*. Se uma pessoa visualizar um cartaz impresso com uma publicidade de um produto que possua o QR, ela poderá rapidamente sacar o celular, apontar a câmera para o código e acessar o site da empresa com mais especificações do produto anunciado, por

exemplo. Dessa forma, o hipertexto pode estar presente tanto no impresso quanto no virtual.

Mais do que praticidade, a interconexão entre o virtual e o real entranha-se em nossa cultura em diferentes classes sociais, gerando por consequência, um grande impacto na sociedade. Tal complexidade e volume dessas relações proporcionam conveniências e desafios diariamente, e tudo isso ao alcance do bolso:

O acesso always-on1 com voz e dados tem aberto caminho para um novo manancial de distribuição e colaboração de informações em um contexto onde os aparelhos são "hiper-pessoais", pois eles são realmente usados por uma só pessoa, o que não ocorre necessariamente com o computador pessoal. À medida que esses aparelhos começam a incorporar mais funcionalidades, começam a se tornar mais parecidos com computadores. (PELLANDA, 2009)

A importância adquirida pelos *smartphones* na sociedade contemporânea pode ser entendida como um "culto da técnica e seus objetos" (LEMOS, 2008, p. 80). Assim, a tecnologia digital contemporânea poderia ser usada "como um instrumento de novas formas de sociabilidade e de vínculos associativos e comunitários" (LEMOS, 2008, pp. 80-81). Dessa forma, segundo o autor, seria possível "mostrar a dinâmica sociotécnica que se instaura nesse final de século misturando, de forma inusitada, as tecnologias digitais e a socialidade pós-moderna, formando a cibercultura" (LEMOS, 2008, p. 81). A convergência, segundo Henry Jenkins (2008, p. 50), não se trata da convergência de conteúdos para uma única plataforma, mas sim um:

Fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS; 2008, p. 51).

Em uma sociedade cada vez mais adepta à convergência, seja por causa da popularização de aparelhos ou pela melhor estruturação de planos de banda larga e internet móvel, estamos cada vez mais conectados e buscando uma conexão com o real a partir do virtual e vice-versa. Nesse contexto, é necessário explorar as potencialidades das tecnologias a partir de uma perspectiva do letramento digital e dos hipertextos que lidamos diariamente, principalmente, na sala de aula.

Funções do livro didático

Para Alain Choppin (2004), a complexidade do objeto "livro didático" advém do cruzamento de três gêneros no percurso do processo educativo: a literatura religiosa, a "literatura didática, técnica ou profissional que se apossou progressivamente da instituição escolar, em épocas variadas — entre os anos 1760 e 1830, na Europa —, de acordo com o lugar e o tipo de ensino" e a chamada "literatura de lazer", cujo dinamismo e características essenciais foram incorporados pelo livro didático.

Nesse sentido, o autor pontua as diferentes funções do livro didático. São elas: função referencial, função instrumental, função ideológica e cultural e função documental. Aqui, mencionaremos duas delas. Para Choppin, a função ideológica e cultural se caracteriza por ser uma das mais antigas nos principais sistemas educativos, afirmando-se como "um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes" (p. 553). Assim, o livro didático pode ser reconhecido como um símbolo da soberania nacional, assumindo um papel político.

No caso estudado, a possibilidade da função documental se sobressai no exemplo do QR Code a partir do momento em que se cria a oportunidade de autonomia e a iniciativa pessoal do estudante para buscar uma complementação do conteúdo, ajudando-o no desenvolvimento de seu espírito crítico. Assim, como já alerta Choppin, o livro didático não se limita a textos impressos, mas torna-se um elemento constitutivo de um conjunto multimídia.

Hipermídia e hipertexto no Livro Didático

A utilização de novas mídias para a veiculação dos conteúdos escolares já era abordada por Décio Gatti Junior (2004, pp. 214-215). O autor afirma que, ao final de 1990, já estavam disponíveis livros de História do Brasil com CD-ROM:

A respeito dos suportes de informação digitais, o Sr. Lino Fruet, em seu depoimento colhido em 1997, afirmava ainda ser uma questão um tanto imprevisível. Salientou que ao lado da disseminação embrionária do CD-ROM como suporte de informação multimídia que as maiores novidades deveriam vir do campo da rede mundial de computadores, a Internet. (GATTI JUNIOR, 2004)

De acordo com Gatti Junior, Fruet acreditava que deveriam associar os materiais disponíveis na internet e em CD-ROM com as práticas em sala de aula, para complementar as informações. No entanto, como nos alerta o autor, na época esses tipos de materiais serviam a um público mais elitizado e continuavam "vinculados à tradição oficialista da historiografia brasileira" (p.216), em detrimento "de uma abordagem mais atualizada em que as classes populares e seus movimentos eram levados em consideração na interpretação histórica" (GATTI JÚNIOR, 2004).

A crítica permanece com a retomada do pensamento de Fruet, que critica o formalismo do "pessoal acadêmico" ao priorizar a transmissão de conceitos protocolares, não levando em consideração que o livro didático também é forma, linguagem, adequação de abordagens e atualização do conteúdo aos estudantes. Para ilustrar, Fruet lembra o trabalho de copidescagem de Joana Neves:

Fui chamá-la, porque o texto dela era um pretexto. Se deixasse, ela escreveria mais nas notas de rodapé do que no texto. Isso é um vício acadêmico. Porque há uma riqueza no texto. Ela dava uma informação aqui e não queria deixar barato. Ela queria dar outros elementos que não cabiam no texto principal. Como adequar isso tudo de uma forma viável? (FACCIOLO; FRUET *apud* GATTI JUNIOR, 2004)

Corroborando com Jacques Le Goff (1990) quando diz que todo documento é um monumento à medida que faz parte da memória coletiva da sociedade, Marli AP. Marcondes (2001, p. 69) acredita que as hiperímias e o hipertexto também podem ser considerados documentos, já que:

Transmitem informações e reproduções de documentos. Pode ser considerado ainda um monumento, na medida em que representa um material da memória coletiva, não apenas pelo seu conteúdo, mas também pelo tipo de suporte, próprio de uma determinada sociedade e de um determinado período histórico. (MARCONDES, 2001)

Desta forma, a incorporação de hiperímias como o QR Code nas páginas dos livros de História reflete a dinâmica hiperímica, convergente e cada vez mais conectada da nossa sociedade. Disponibilizar conteúdos complementares ao texto do livro didático de forma interativa parece hoje, devido à maior acessibilidade da população a aparelhos, uma forma inovadora de estimular a participação dos estudantes na leitura engajada dos conteúdos. Conforme veremos no próximo tópico, são muitas as possibilidades de utilização dessa ferramenta.

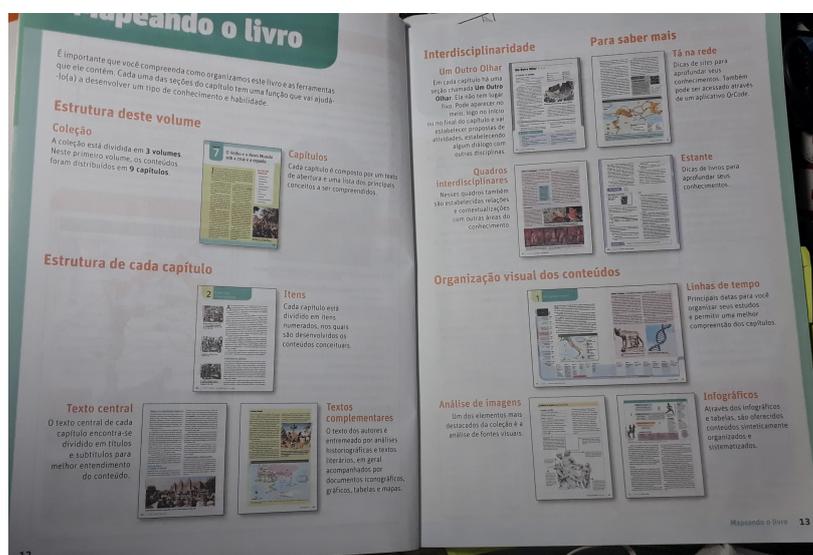
Interdisciplinaridade enquanto recurso pedagógico

A utilização de QR Codes para inter-relacionar o mundo virtual com o real é uma ferramenta com muitas possibilidades, ainda mais quando este recurso é proposto pelo livro didático de história. "Não se trata de fazer uma reciclagem introduzindo o computador nas salas de aula [...]. Trata-se de uma mudança epistemológica" (Monero e Pozo 2010, pp. 97-98), porque não adianta inserir a tecnologia se não houver mudanças na concepção de educação. Daí, que analisar o manual do professor da obra "Oficina de História: Volume 1", incita-nos a perceber como as tecnologias digitais da informação (TDIC) representam um aporte significativo para dinamizar as aulas de História.

LIMA, Ana Maria Pereira; SILVA, Isaíde Bandeira da; ALBOÍNO, Amanda Gonçalves. A utilização da hipermídia QR Code como recurso interdisciplinar do livro "Oficina de História". **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 25-39, jul./dez. 2019.

Na obra pesquisada, há uma breve explicação inicial das ferramentas de conteúdo extra para os leitores (figura 1) em que o quadro "Tá na Rede" é descrito como um recurso que visa às "dicas de sites para aprofundar seus conhecimentos. Também pode ser acessado através de um aplicativo QRCode" (DE CAMPOS; PINTO; CLARO, 2016, p. 13).

Imagem 1 - Mapeando o livro



Fonte: Oficina de História 1

Durante os capítulos do livro, é possível observar a presença do quadro "Tá na rede" com um pequeno texto orientando o leitor a como acessar a página a qual faz referência e há uma breve descrição do que a pessoa encontrará ao acessar o link sugerido, bem como a língua em que está disponibilizado o conteúdo.

No caso da Imagem 2, o livro informa que se trata de uma "Página interativa do Museu Britânico sobre o desenvolvimento da escrita na Mesopotâmia".

Imagem 2 - Quadro "Tá na Rede"

Proposta: Pode ser interessante retomar os mapas da página 49 (sobre o Império de Kush), página 110 (sobre a África séc. III d.C.), página 126 (com os reinos da Núbia e Etiópia) e página 131 (sobre a África no Ano Mil) para identificar as particularidades da Núbia e Etiópia e o processo de difusão do cristianismo nessas regiões. Pode-se também realizar uma sequência didática com os mapas das páginas 184, 236, 244 e 245.

A caravana era organizada como uma comunidade de tanto política quanto econômica. Uma espécie de reino em movimento. Uma liderança era nomeada e, além de impor disciplina, era responsável por representar seus componentes nas relações entre as autoridades locais ao longo da rota. Muitas vezes o líder da caravana era também investido de cargo religioso e cuidava para que fossem realizadas as orações diárias. Homens armados eram convocados para proteger as mercadorias e os viajantes contra eventuais ataques. Esses homens funcionavam como uma espécie de muralha em movimento.

Tendo subjugado a Núbia, a Arábia meridional e os povos dos desertos que circundavam a Etiópia, o Reino de Axum assumiu o controle das rotas que ligavam o Egito e a Síria às regiões do oceano Índico.

O cristianismo foi introduzido na Etiópia, no início do século IV, através de missionários vindos do Oriente Próximo.

Por volta do século X, pressionados pelo avanço muçulmano, os axumitas empreenderam uma expansão para o sul, submetendo e cristianizando os pequenos principados à sua volta.

REINOS CRISTÃOS DA NÚBIA E ETIÓPIA (SÉCULO X)

Caravansaraí. Iluminura extraída do manuscrito *Al-Maqamat*, de Abu Muhammed al-Kasim al-Hariri, 1237. (detalhe)

Axum: o reino cristão da Etiópia

Durante o século IV, o Império de Kush sofreu um progressivo enfraquecimento devido às invasões de povos nômades (vindos dos desertos a leste e oeste) e às disputas com o Reino de Axum pelo controle das rotas comerciais. Esse processo culminou com a conquista da cidade de Meroé pelos axumitas. Das ruínas do império kushita, após uma longa série de lutas, surgiram três reinos: Nobatia, Makuria e Alodia. O processo de cristianização do Egito durante o período romano e as influências do Reino de Axum favoreceram a conversão desses reinos e, ao final do século VI, a Núbia já estava cristianizada.

O Reino de Axum desenvolveu-se nos primeiros séculos da era cristã. Durante os séculos IV e V, firmou sua hegemonia sobre os pequenos principados dos planaltos etíopes unificando-os num só reino, conquistou Meroé e estendeu seus domínios até o sul da península Arábica.

Fonte: Elaborado com base em EBRAHIM, J. F.; CROWDER, M. *Historical atlas of Africa*. Londres: Longman, 1985.

Tá na rede!

CRISTIANISMO NA ETIÓPIA

Digite o endereço abaixo na barra do navegador de internet: <http://goo.gl/SMJt4C>. Você pode também tirar uma foto com um aplicativo de QR Code para saber mais sobre o assunto. Acesso em: 29 abr. 2016. Em inglês.

Disponibiliza o acervo do museu através de uma exploração cronológica e geográfica da história da arte mundial.

deste volume, juntamente com o mapa da página 206 (África 1914) e o item "A Etiópia independente" da página 208. Todos esses elementos ajudarão a entender a dimensão cultural e política do imperador Haile Selassie e o pan-africanismo, que desenvolvemos às páginas 178 e 179 do volume 3.

O Islã 133

Fonte: Oficina de História 1

Ao baixar o aplicativo leitor do código QR, podemos acessar o site mesopotamia.co.uk (figura 3) no qual é possível verificar imagens de placas de barro com a escrita cuneiforme da Mesopotâmia. Na coluna esquerda do site, é possível acessar os links "Story", com um texto acerca do desenvolvimento da escrita, "Explore", com um hipertexto para outra página em que é possível acessar outros aspectos da cultura mesopotâmica e "Challenge", onde encontramos outros hipertextos com os desafios colocados nos estudos acadêmicos sobre a civilização da Mesopotâmia.

Imagem 3 -Reprodução do site *mesopotamia.co.uk*



Fonte: *The British Museum*

Além do exemplo anterior, o livro traz no quadro "Tá na Rede", diferentes sites com conteúdos variados que vão desde imagens de obras de arte, tais como quadros, demais produções artísticas e linhas do tempo até questões de vestibulares para reforçar as atividades sugeridas ao final dos capítulos. Também é digna de nota a variedade de indicações em outras línguas como espanhol, português e inglês, demonstrando o interesse por ampliar o repertório cultural dos alunos leitores.

Essa diversidade de conteúdos complementares pode ser utilizada com criatividade em sala de aula em diferentes disciplinas. Para Marcos Antônio Loriele (2010), é preciso que a escola supere o "pensamento simplista e simplificador", já que o mundo está o tempo todo em transformação, impactando em processos históricos, culturais, econômicos e sociais, sendo necessário que as práticas escolares acompanhem esses processos interdisciplinarmente e haja a mudança na formação de professores para estimular esse tipo de atitude que também precisa ser transformada. A

respeito das formas de como trabalhar essa interdisciplinaridade, Lorieri (2010, p. 03) sugere que o professor trate de diversos temas, sem necessariamente focar na sua disciplina, pois:

Quando, por exemplo, faz uma exposição sobre o ser humano, pode tomar elementos de compreensão da Filosofia, da Biologia, da História, da Geografia, da Sociologia, da Psicologia, da Física, da Química ou da Bioquímica, da Arte, das Religiões, da Matemática, da Literatura, etc.. Em sua formação terá estudado essas áreas do conhecimento. Seus alunos as estudam também como disciplinas. (LORIELI, 2010)

Ele acredita que trabalhar de forma holística os conteúdos em sala de aula seria uma forma de "tecer uma visão articulada interdisciplinar, que ilumina mais amplamente as múltiplas relações que estão, de fato, presentes na sua constituição" (2010, p. 14), pois nada se explica por si mesmo.

Assim, uma das formas de utilizar os recursos de QR Code do livro didático "Oficina de História – Volume 1) poderia abranger Artes, Línguas Estrangeiras, Geografia, Língua Portuguesa, Filosofia etc., por exemplo, contando com a interação discente para a construção da aula segundo as interpretações de texto obtidas a partir da leitura dos *links*. Também é possível trabalhar a interdisciplinaridade, contemplando o letramento digital e as noções básicas de informática, pois esse tipo de conhecimento envolve relações sociais de pertencimento e de inclusão social necessários para o desenvolvimento humano.

Tomando como exemplo o site acessado *mesopotamia.co.uk*, o professor poderia sugerir aos estudantes em aula sobre a história da Mesopotâmia, que os estudantes buscassem, a partir da leitura do capítulo do livro, identificar palavras em inglês que poderiam se conectar ao conteúdo trabalhado. A atividade poderia ocorrer com auxílio de dicionários inglês-português. Tudo isso identificando e esclarecendo possíveis dúvidas quanto à utilização da tecnologia. Dentro do contexto apresentado, portanto, haveria espaço para trabalhar de forma instrumental o ensino do Inglês e o letramento digital dos discentes.

Conclusões

As possibilidades verificadas nos conteúdos trazidos pelo Livro Didático "Oficina de História 1", bem como os recursos e ferramentas sugeridas são promissoras, levando em conta a atual dinâmica social da nossa "Cultura da Convergência". Apesar de ser positivo o fato de materiais com propostas interdisciplinares estarem circulando em escolas públicas, ainda é necessário problematizar e rever a formação do professor. É necessário que o docente se abra à possibilidade de abordar os conteúdos com uma visão mais globalizante, compreendendo o contexto e a realidade do estudante.

Ampliar concepções de trabalho docente deve envolver também a acolhida à propostas diversificadas, incluindo aquelas já trazidas no livro didático. Para isso, é mister observar as outras seções do livro que não são o "conteúdo principal", pois as possibilidades aventadas daí podem fazer do livro não o ponto de chegada, mas o ponto de partida para experiências diferentes de aprendizagem.

Para isso, é necessária a superação de práticas reducionistas e visões fragmentadas, tais como disciplinas escolares focadas no conteúdo sem vínculos com as práticas cotidianas ou mesmo com outras áreas de saber que demandam outras formas de aprender, daí a utilização de QR Codes para inter-relacionar o mundo virtual com o real é uma ferramenta com muitas possibilidades, ainda mais quando esse recurso é proposto pelo livro didático de história .

Ao realizar práticas educativas mais integradoras e transdisciplinares, é possível formar cidadãos atentos aos elementos e aos diversos contextos em que estão inseridos, bem como ampliar as práticas de letramentos numa perspectiva que vislumbre uma melhor participação social e então, a partir daí, contribuir para uma visão crítica acerca do mundo, da história e da sociedade.

LIMA, Ana Maria Pereira; SILVA, Isaíde Bandeira da; ALBOÍNO, Amanda Gonçalves. A utilização da hipermídia QR Code como recurso interdisciplinar do livro "Oficina de História". **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 25-39, jul./dez. 2019.

Referências

CAMPOS, Flávio de; PINTO, Júlio Pimentel; CLARO, Regina. **Oficina de História**. Vol.02. Lisboa, Portugal: Editora Leya, 2017.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**. São Paulo v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

GATTI JUNIOR, Décio. **A escrita escolar da história**: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru- SP : Edusc ; Uberlândia MG : Edufu, 2004.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em:
<<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em 08 ago de 2019.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologias e vida social na cultura contemporânea. Editora Sulina, 4º ed., Porto Alegre, 2008.

LIMA, Mariana. Brasil já tem mais de um smartphone ativo por habitante, diz estudo da FGV. **Estadão**. Disponível em
<<https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

LORIERI, Marcos Antônio. Complexidade, Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade e Formação de Professores. **Notandum**. 2010.

MARCONDES, Marli. **História e informática**: O uso da hipermídia no resgate da História da "Estrada de Ferro Funilense". Disponível em
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/284154/1/Marcondes_MarliAparecida_M.pdf>. Acesso em 7 ago. 2019

PATAH, Rodrigo. O boom dos smartphones e seu impacto no comportamento do consumidor. **Mindminers**. Disponível em
<<https://mindminers.com/blog/pesquisa-mobile/>>. Acesso em: 07 ago. 2019.

PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação Móvel no Contexto Brasileiro. **Comunicação e Mobilidade**: aspectos socioculturais de comunicação no Brasil. André Lemos, Fábio Josgrilberd organizadores. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em
<http://poscom.ufba.br/arquivos/livro_Comunicacao_Mobilidade_AndreLemos.pdf>. Acesso em 7 ago. 2019.

LIMA, Ana Maria Pereira; SILVA, Isaíde Bandeira da; ALBOÍNO, Amanda Gonçalves. A utilização da hipermídia QR Code como recurso interdisciplinar do livro "Oficina de História". **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 25-39, jul./dez. 2019.

RIBAS, Ana Carolina; OLIVEIRA, Bianca Soares; GUBAUA, Camila Aparecida; REIS, Gisele da Rocha; CONTRERAS, Humberto Silvano Herrera. O uso do aplicativo QR Code como recurso pedagógico no Processo de Ensino e Aprendizagem. **Revista Pedagogia**, 2017. Disponível em <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n14/n14-artigo-2-O-USO-DO-APLICATIVO-QR-CODE.pdf>>. Acesso em: 7 ago de 2019.